

# Fundamentos **LINGUÍSTICOS**

Jonas Rodrigues Saraiva  
Lúcia Regina Lucas da Rosa  
Marcos Filipe Zandonai  
(Orgs.)





# A Linguística Histórica ou Diacrônica: o Estudo da Linguagem Através do Tempo

Prezado(a) estudante.

Estamos começando uma unidade desta disciplina. Os textos que a compõem foram organizados com cuidado e atenção, para que você tenha contato com um conteúdo completo e atualizado tanto quanto possível. Leia com dedicação, realize as atividades e tire suas dúvidas com os tutores. Dessa forma, você, com certeza, alcançará os objetivos propostos para essa disciplina.

## OBJETIVO GERAL



Oferecer um panorama das mudanças linguísticas através dos tempos, iniciando com os hindus (século IV a.C.) e finalizando no século XIX, período em que houve o crescimento dos estudos da linguagem e da filologia.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS



- Entender a gramática clássica dos hindus no século IV a.C., a filosofia dos gregos, os cuidados filológicos dos alexandrinos, as gramáticas latinas, os filósofos da Idade Média, a filosofia árabe, os estudos renascentistas e a gramática de Port-Royal do século XVII.
- Refletir sobre o crescimento dos estudos da linguagem e da filologia ocorrido no século XIX.
- Compreender as mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e lexicais que transcorreram ao longo desses séculos.

## QUESTÕES CONTEXTUAIS



- Qual a diferença existente entre 'utilizar a língua' e 'estudar a língua'?
- Quando os estudos sobre a linguagem tiveram início?
- Como se deu, durante a história da humanidade, o estudo da linguagem?
- O que propiciou a fundação da ciência chamada "Linguística", no século XX?

## 1.1 Introdução

Ao dizer “bom dia” a algum familiar ou amigo pela manhã; ao ler as informações nas placas ou *outdoors* da cidade; ao escolher um produto ou alimento no supermercado; ao escutar a descrição de uma paisagem ou mesmo a narração boa ou má da história que alguém nos conta; ao ler este livro... Em todos esses processos, cotidianos, comuns, corriqueiros, que, normalmente, não nos chamam atenção em nada, se utiliza a língua. Desde os usos físicos e “palpáveis” mais conhecidos, como a escrita, a leitura, a fala e a audição de textos, até usos mais “abstratos”, como o próprio pensamento ou a construção de memória.

Mas é importante destacar o fato de que esses usos ocorrem de forma bastante “inconsciente”, ou seja, longe da nossa atenção, da nossa percepção clara sobre a finalidade, a estrutura, as características, as regras ou mesmo todas as possibilidades de significados da língua. E por que ocorre dessa forma? Bem, por uma simples razão: há uma diferença entre ser usuário e ser estudante.

Um usuário não presta atenção, por exemplo, ao fato de que cada palavra, dita/escutada ou escrita/lida, é formada por fonemas (no âmbito sonoro) e letras (no âmbito gráfico), que é constituída de partes pré-existentes com sentidos próprios (morfemas), possui um significado *a priori*, em si mesma, e, *a posteriori*, um significado (o mesmo de antes ou uma variação deste) quando colocada em contato com outras palavras. Também um usuário não pensa que, nesse contato com outras palavras, há regras (sintáticas) de ordem e de relação (regência e concordância, por exemplo) entre uma palavra e outra e que é nesse nível de relação que se formam as frases e estruturas linguísticas que darão origem aos textos, com suas formas composicionais, seus sentidos, seus gêneros, suas funções sociais, suas possibilidades de compreensão e interpretação por parte de emissores e receptores etc.

Aqui bem cabe a conhecida metáfora do *iceberg*, já que o usuário apenas enxerga a parte da língua que está em uso, sem refletir sobre ela e sobre como chegou à existência. Já alguém que se dedica a estudar a língua deseja enxergar além, deseja ver a parte do *iceberg* que está abaixo da superfície e que o constitui e o sustenta. A complexidade da língua e de suas estruturas pode ser vista por aqueles que se dedicam a estudar suas partes.

Hoje compreendemos a existência de uma ciência que se dedica a estudar a língua, a qual denominamos “Linguística”. Porém, durante a história, nem sempre houve uma área específica ou mesmo uma ciência definida para o estudo do objeto “língua”. Isso não quer dizer que não houve pessoas que o estudaram, afastando-se do ponto de vista de usuários e aproximando-se, por meio da reflexão e da teorização, do ponto de vista de estudiosos da língua. Desse modo, ao falarmos de “fundamentos linguísticos”, precisamos reconhecer as bases dessa ótica que analisa a língua como objeto de estudo, desde o início dos registros desse interesse por parte do ser humano, até o momento mais atual, quando a Linguística, advinda dos fundamentos de séculos anteriores, é reconhecida e estruturada como ciência de estudo da língua propriamente dita.

Esse olhar sobre o que se pode chamar de história da linguística é denominado “linguística diacrônica” e, para ocorrer, é necessário olharmos “no telão da história humana” para as épocas e civilizações em que há registros de interesse pelo estudo da língua.

É importante destacar, antes de começarmos, que, de forma alguma, estamos falando da “língua portuguesa”. Quando falamos em Linguística, em estudo da língua, em ciência e em fundamentos linguísticos, é necessário que se pense na faculdade humana da linguagem e na possibilidade de utilização de um código para se comunicar. É claro que a comunicação humana vai além disso, mas é uma forma de tentar visualizar todas as línguas, e não apenas aquela que está mais próxima de nós. Esse é o intuito nesta unidade, levar para muito tempo atrás, em busca de pessoas e civilizações que demonstraram (e registraram de algum modo) seu interesse pelos estudos da linguagem e das línguas humanas. Vamos lá?

## 1.2 A Gramática Clássica dos Hindus, a Filosofia dos Gregos e a Filologia dos Alexandrinos

Para começarmos nossa trajetória, precisaremos primeiramente retroceder ao século IV antes de Cristo, aterrissando na Índia antiga, onde encontraremos os primeiros registros conhecidos até hoje de estudos formais de uma língua.

O Sânscrito era uma das línguas faladas na região védica, à época de Panini, sábio da religião hindu que se dedicou a um estudo gramatical desse idioma para garantir que sua estrutura sonora e linguística fosse bem utilizada nos textos e canções sagrados. Desse modo, a gramática elaborada por Panini é, até hoje, reconhecida como o estudo linguístico mais rigoroso de uma língua do qual se tem notícia.



### DESTAQUE

Aqui, vemos, pela primeira vez na história, um exemplo da distinção entre usuários e estudiosos da língua, já que Panini se dedicou ao estudo aprofundado das raízes do Sânscrito.

Panini, então, elaborou milhares de **aforismos** e os uniu no documento que denominou “*Astādhyāyi*” (“Oito Capítulos”), ou seja, o que hoje conhecemos como Gramática de Panini.



### GLOSSÁRIO

**Aforismo** é uma máxima ou sentença que, em poucas palavras, contém uma regra ou um princípio de alcance moral. Por exemplo: “Dai-me boa política e eu vos darei boas finanças.” É também um texto sucinto e filosófico relacionado a uma reflexão de ordem prática ou moral; máxima.

Fonte: Dicionário Michaelis Online.

O conhecido linguista francês Émile Benveniste escreveu sobre a obra de Panini (1989, p. 30) dizendo:

Temos aí algo de extraordinário, uma descrição linguística puramente formal que data, segundo a estimativa mais prudente, do século IV antes de nossa era. Panini, este gramático indiano, tomou a língua sânscrita como objeto. Não tem nenhuma palavra de especulação filosófica, mas somente uma análise formal dos elementos constituintes da língua (palavras, frases, relações entre palavras, etc.). Este texto é extremamente pesado, de uma densidade inacreditável (...) já se mostra aí o ancestral das pesquisas científicas de hoje.

Considerando Panini, e suas reflexões sobre uma das línguas orientais mais relevantes à época, como o primeiro marco de estudo linguístico conhecido, podemos colocar o segundo marco na cultura ocidental, com pouco tempo de diferença em relação às reflexões sobre o Sânscrito, para seguir nossa trajetória histórica. Desse modo, chegamos à filosofia grega, a qual, de forma nem sempre tão normativa como Panini, abordou aspectos linguísticos que até hoje influenciam nossos estudos na área.

Dessa época, podemos mencionar vários textos sobre tópicos linguísticos diversos. Um dos mais famosos, e talvez dos mais antigos, é o diálogo entre Crátilo, Hermógenes e Sócrates, escrito por Platão, discípulo deste último. O diálogo apresenta como cerne da discussão a natureza da relação entre a língua e o mundo real. Ou seja, o nome (a palavra) tem relação a priori com o objeto, com o ser nomeado, ou essa relação é arbitrária e convencionada pelos falantes?

No diálogo, os três personagens assumem, cada um, sua própria posição, sendo os dois primeiros contrários um ao outro na afirmação de que a língua tem relação com a natureza — Crátilo defende que as palavras nascem a partir da sua semelhança com o objeto real que denominam (a exemplo de “toc-toc”, que nasce por semelhança sonora), e Hermógenes se opunha, afirmando o contrário. Sócrates mantinha o meio termo da opinião, reforçando a ideia de que há casos em que a denominação pode ser natural e advir do mundo real, e casos em que a atribuição de um termo a um referente real não tem qualquer relação pré-existente com esse referente. Sócrates também inicia uma reflexão sobre o uso de letras e sílabas para a representação dos nomes.

Vejamos um trecho do diálogo entre os três:

Sócrates: É aceitável. Mas de que maneira haveria a divisão pela qual quem imita começa a imitar? Se a imitação que acontece com letras e sílabas é da existência, não seria mais correto dividir os elementares primeiro? Assim como quem se propõe a metrificar, primeiro divide os princípios elementares, depois as sílabas, e só então passa à verificação da métrica, ou não?

Hermógenes: É sim.

S.: Portanto, também deve ser assim para nós. Primeiro, dividir as vogais, depois, segundo a espécie das outras, as consoantes ou surdas (pois é assim que falam os especialistas) e também as que não são nem vogais nem consoantes. E ainda mais, dentro das próprias vogais, quantas espécies diferentes umas das outras existem! Por conseguinte, vamos dividir bem tudo aquilo em que deve ser colocado um nome, se há uma unidade que subsuma tudo, assim como os elementos, a partir da qual é possível especificar tanto eles mesmos quanto se eles mesmos, da mesma maneira, enquadram-se numa espécie tal qual um elemento. Com apreço pelo charme disso tudo, vamos dispor e distribuir cada um segundo sua igualdade, seja quando se deve dispor apenas em um ou em um composto múltiplo. Tal qual os pintores, querendo igualar algo, às vezes põem apenas roxo, outras vezes mais algum outro pigmento. É possível ainda o "e" ao excesso, pois são letras abertas. Já o "o" foi o devido sinal para se mesclar a maior parte do nome de redondo. Desse mesmo jeito, também nos outros casos, parece ser introduzido algum sinal, por letras e sílabas, para cada ser, nos nomes criados pelo normatizador. Com isso, e o resto, pode ser composta uma imitação. Parece-me que é desse jeito que se quer dizer a correção dos nomes, Hermógenes. A não ser que o Crátilo aqui tenha algo diferente a falar.

H.: Pois é, Sócrates, assim como eu falei no começo, Crátilo muitas vezes exibe para mim muitas coisas que afirma ser a correção dos nomes, porém ele nunca fala claramente como seria. Não há um princípio pelo qual possa ser especificado se a falta de clareza com que ele fala é voluntária ou involuntária. Mas agora, Crátilo, diante de Sócrates, diga-me se lhe satisfaz o que ele falou acerca dos nomes. Ou você tem algo mais charmoso a falar? Se tiver, fale! Desse modo ou você aprende de Sócrates ou ensina a nós dois. Mas é isso, Hermógenes!

Fonte: PLATÃO. Crátilo: ou sobre a correção dos nomes.  
São Paulo: Editora Paulus, 2014.

Mesmo filósofos anteriores (pré-socráticos), como Demócrito e Pitágoras, também discutiram a questão da natureza da linguagem. Demócrito apresenta argumentos fortes em apoio à tese de que a atribuição de nomes às coisas do mundo é convencionalizada e não natural. Ele menciona, de acordo com Colombat, Fournier e Puech (2017, p. 82), fatos como:

- a. coisas diferentes podem ter o mesmo nome;
- b. nomes diferentes podem se referir ao mesmo objeto;
- c. coisas podem ter seus nomes alterados.

Os estudos sobre a natureza da linguagem estão incluídos numa primeira vertente de interesse dos gregos pela temática, na qual os estudos linguísticos estão integrados aos pensamentos filosóficos.

Com relação à escrita, os gregos assumiram o sistema gráfico já estabelecido pelos fenícios, mas — aí entra o aspecto linguístico da questão — o estudaram e o adaptaram aos sons da língua grega, já que perceberam que representava sons que não existiam em grego e também havia sons do grego não representados. Outra contribuição grega foi o registro mais claro dos sons das vogais na escrita (cujas menções aparecem, por exemplo, nos estudos platônicos e nos aristotélicos, por meio dos conceitos de *grammata* (letras), *stoikheia* (elementos — equivalentes aos fonemas), *phoneenta* (vogais), *hemiphona* (semivogais), etc.)

Em “O Sofista”, de Platão, vemos um estudo da estrutura da língua como unidades menores que avançam para partes maiores, iniciando pelo nível fônico (das letras, por exemplo), já com destaque para a diferença entre vogais e consoantes. Platão, porém, vai além e avança para o nível da palavra (*onoma* — nome; *rhema* — verbo) e mesmo do enunciado (num estudo primordialmente sintático).



Vejamos um trecho do diálogo entre os personagens Teeteto e o Estrangeiro, de “O Sofista”, em que se percebe claramente a presença de uma análise das relações entre as palavras em um enunciado (nesta tradução, “sentença” ou “discurso”), ou seja, uma análise sintática:

Estrangeiro: Ora, vários substantivos enunciados um depois do outro não chegam a formar sentença, o mesmo acontecendo com verbos enumerados sem substantivos.

Teeteto: Não compreendi.

E.: É que há pouco pensavas noutra coisa, quando concordaste comigo. O que eu queria dizer é que a simples seqüência de verbos ou de substantivos não forma um discurso.

T.: Como assim?

E.: É o seguinte: Vai, corre, dorme, e mil outros verbos denotadores de ação, ainda que enumerasses todos, em série, não chegariam a formar uma sentença.

T.: Como o poderiam?

E.: O mesmo passa quando se diz: leão, cervo, cavalo, e todos os mais nomes denotadores de agentes; com semelhante seqüência, também, jamais se comporá um discurso. Tanto neste caso como naquele, os vocábulos enunciados nem indicam ação nem inação, ou existência de um ser ou de um não-ser, até o momento de alguém juntar substantivos com verbos. Só então eles se completam, surgindo o discurso desde a primeira combinação, o que com acerto se poderia denominar a forma primitiva do discurso, a menor de conceber-se.

T.: Que, queres dizer com isso?

E.: Quando se enuncia: o homem aprende, não dirás que se trata do discurso mais elementar e mais conciso?

T.: Sem dúvida.

E.: É que, a partir desse instante, ele enuncia algo de alguma coisa que é ou se torna ou foi ou será; não se limita a nomeá-la, porém conta que alguma coisa aconteceu, o que consegue pelo entrelaçamento de verbos com substantivos. Daí não dizermos simplesmente que essa pessoa nomeia, porém que discursa, sendo a essa conexão de palavras que damos o nome de discurso.

Fonte: PLATÃO. Crátilo: ou sobre a correção dos nomes.  
São Paulo: Editora Paulus, 2014

Outra grande contribuição grega aos estudos linguísticos se deu a partir da Escola dos Estoicos, fundada por Zenão de Cítio no século III a.C. Para os estoicos, a linguagem seria uma forma de expressão e registro das experiências do homem, já que, para eles, ao nascer, todos seriam como “tábulas rasas” e precisariam, a partir de então, escrever sua própria história, conhecimentos e vivências.

Desse modo, os estoicos desenvolveram-se no estudo de áreas como a pronúncia, a etimologia, a fonética e a gramática. Além disso, defenderam a diferença e oposição entre “forma” e “sentido” (que, séculos à frente, seriam definidos como “significante” e “significado”), incluindo o conceito de que os significados das palavras não existem isoladamente, mas variam de acordo com o contexto.

Mais especificamente no que tange à gramática, desenvolveram estudos sobre classes de palavras, incluindo mais algumas ao estudo iniciado por Platão e Aristóteles, e trabalharam na distinção entre nomes próprios e comuns e também em verbos que expressam aspecto de ações concluídas e de ações contínuas.

Com relação à visão de estudo da língua ou da linguagem, Colombat, Furnier e Puech (2017) afirmam que, na antiguidade, predominava o pensamento de que a língua poderia ser objeto de várias disciplinas ou ciências distintas. Entre os gregos, pelo menos três eram as formas de ver o uso da linguagem:

- 1) a dialética, que trata dos enunciados na sua relação com os objetos que supostamente representam e pretendem permitir distinguir o verdadeiro e o falso; 2) a retórica, que estuda os meios de persuasão pela fala e vislumbra nos enunciados os efeitos que eles são suscetíveis de produzir sobre os ouvintes; 3) a gramática, que é a ciência dos enunciados em si mesmos, tanto conhecimento dos conteúdos quanto análise dos conhecimentos de expressão. (COLOMBAT, FURNIER E PUECH, 2017, p. 88).

A **gramática** grega foi a primeira gramática ocidental, nascida a partir da percepção estoica de que era possível e necessário separar o grego clássico do grego popular, que surgiu com a mescla cultural da época. Nossa visão atual, de uma obra que resume as regras para o “bom uso” da língua, vem de propostas desse período, justamente com essa finalidade.



## GLOSSÁRIO

**Gramática** é proveniente do grego “*gramma*” (‘caráter de escrita’, ‘letra’) e “*-ica*”, sufixo formador de substantivos designativos de “artes, ciências, técnicas”.

A gramática grega, porém, tornou-se reconhecida e estruturada com a escrita da *Téchné Grammatiké* (Arte da Gramática), a primeira gramática propriamente dita na tradição ocidental, de autoria de Dionísio da Trácia, que viveu entre 170 e 90 a.C. O texto apresenta uma sistematização da fonética e da morfologia do grego clássico, visando diferenciá-lo de idiomas de outras nacionalidades.

Sob o ponto de vista morfológico, Dionísio faz um estudo da sentença e do vocábulo, definindo oito classes gramaticais (que não são exatamente iguais às dez classes da gramática tradicional, conhecidas na língua portuguesa atual).



### DESTAQUE

Conheça as classes listadas por Dionísio em sua “arte da gramática”

- *ónoma* (nome): elemento declinável, significando pessoa ou coisa, geral ou particular;
- *rhêma* (verbo): elemento conjugável, significando um fazer ou um ser feito;
- *metokhé* (particípio): elemento que participa do verbo e do nome;
- *árthron* (artigo): elemento declinável, posto antes ou depois do nome (artigo e relativo);
- *antonymía* (pronome): elemento empregado no lugar do nome, indicando uma referência pessoal ou específica;
- *próthesis* (preposição): elemento que precede outros, sintaticamente combinado com eles, e que entra na formação vocabular;
- *epírhema* (advérbio): elemento inflexionado, que especifica, de preferência, o verbo;
- *syndesmos* (conjunção): elemento conectivo entre as partes do pensamento.

Fonte: <http://gg.gg/iw8oa>. Acesso em abril de 2020.

É interessante observar que Dionísio, possivelmente, baseou-se em um curto trecho da obra “Poética”, de Aristóteles, e o ampliou. Nessa obra aristotélica, escrita séculos antes, embora o objeto de estudo fosse o aspecto artístico da linguagem, ou seja, a análise literária, o filósofo incluiu um capítulo dedicado ao estudo da estrutura do discurso, no qual, de forma pioneira, foi além da composição clássica do enunciado, até então teoricamente composto apenas por nome (onoma) e verbo (rhema).

A gramática, como disciplina de análise e (por que não dizer?) “regulamentação” da estrutura da língua grega, se fortaleceu em meio à história da organização e construção da biblioteca de Alexandria (por volta de III a.C.). Diz Baião (2013, p. 6) que:

os filólogos alexandrinos, em face da edificação da biblioteca de Alexandria, depararam-se com vários manuscritos clássicos corrompidos em função das inúmeras versões então existentes. Procurou-se, então, restaurar os textos originais e, paralelamente, foram-se registrando anotações e comentários que visavam a elucidar, para os leitores da época, a língua clássica do passado, a fim de facilitar a leitura dos textos antigos. A partir desses comentários e anotações intentou-se catalogar um modelo de língua que servisse aos fins burocráticos do império bem como figurasse como paradigma de perfeição para quem se aventurasse pela exegese ou pela prática da escrita literária em grego clássico.

Nessa época, e pelas mesmas razões, durante a organização da biblioteca de Alexandria, também teve origem a “**Filologia**”, outra área dos estudos linguísticos, a partir do interesse e do cuidado com as obras literárias e dos dois objetivos já mencionados: tornar mais acessíveis as obras literárias clássicas, como a “Íliada” e a “Odisséia”, de Homero; e determinar um “uso correto” da língua (pronúncia e gramática) a fim de preservar o grego clássico.



## GLOSSÁRIO

**Filologia** é a ciência histórica que busca o conhecimento da cultura e civilização de um povo, em determinada época de sua história, por meio de textos e documentos escritos, especialmente os literários. Estudo científico especializado na análise de manuscritos e outros documentos antigos. Estudo científico de uma língua ou de uma família de línguas, incluindo seu desenvolvimento, com base na análise crítica de seus textos escritos. Estudo da autenticidade e veracidade de documentos e do descobrimento da autoria de textos anônimos por meio da comparação de edições e da utilização de técnicas auxiliares, incluindo exames dos tipos, do papel, da ortografia, além de valer-se da gramática, paleografia, linguística etc. Estudo que se responsabiliza pela preparação de edições críticas de autores clássicos, tanto antigos como modernos.

Fonte: Dicionário Michaelis Online.

Para que possamos entender a relação entre essas duas áreas, gramática e filologia, em sua origem comum, embora hoje ambas possuam domínios bastante bem definidos, podemos recorrer a Colombat, Furnier e Puech (2017, p. 91), quando dizem:

A obra mais importante e mais célebre (...) é a (...) de Dionísio (...) na qual se lê (...) esta definição de gramática: “a gramática é o conhecimento empírico do que dizem correntemente os poetas e os prosadores” (1998: 41). (...) não são, de fato, obras teóricas, mas manuais que seguem uma finalidade prática: instrumentar o leitor, possibilitar que ele leia textos dos “poetas e dos prosadores”. Todavia, a elaboração dessas obras pode ser vista como resultado de um momento de conversão decisivo, ou pelo qual se passou de uma concepção da gramática como simples conhecimento em matéria de texto, para uma concepção da gramática como ciência da linguagem. Passa-se, então, do registro da diversidade dos usos observados pelos filólogos para um projeto de porte bem diferente: formular os conhecimentos gerais, as regras sob as quais se pode organizar a diversidade dos usos e dos empregos.

Além da obra de Dionísio, outro autor alexandrino que contribuiu com um manual de gramática, desta vez com enfoque mais sintático, foi Apolônio Díscolo, no segundo século da era cristã, já em época mais próxima aos escritos da nossa próxima parada na linha histórica dos estudos linguísticos: Roma.

## 1.3 As Gramáticas Latinas, os Filósofos da Idade Média

Pode-se considerar que, no período de domínio do Império Romano, os estudos linguísticos seguiram o que já havia sido instituído pelos gregos. Sobretudo no âmbito da gramática, dadas as características das duas línguas, vê-se uma transposição da aplicação das regras de análise e da estrutura do grego para o latim. Isso ocorreu desde a primeira gramática latina, de Quintus Rhemmius Fannius Palaemon (século I d.C.), na qual um dos principais assuntos abordados dizia respeito à dicção correta. Ainda assim, contemporânea de Palaemon, a mais famosa obra é a “De Lingua Latina”, de Varrão, que é reconhecida por sua tentativa de latinizar a gramática, sobretudo no que se refere às declinações e conjugações verbais próprias do latim.

Além desses autores, podemos mencionar, como um dos precursores dos estudos linguísticos latinos, Quintiliano, com sua obra sobre oratória, também no primeiro século cristão.

Alguns séculos à frente, outro grande nome dos estudos gramaticais se destaca: Donato (400 d.C), com sua obra *Ars Grammatica*. Porém, outras publicações menores ocorreram até Donato, como se pode ver no quadro a seguir:

Quadro 1.1 – Obras gramaticais latinas

SACERDOTE (FIM DO SÉC. III)	CARÍSIO (SÉC. IV)	DIOMEDE (FIM DO SÉC. IV)	DONATO (SÉC. IV)
L1. Sobre os princípios das gramáticas (núcleo)	L1. Fonética e categorias linguísticas, morfologia	L.1. Partes do discurso	<i>Ars minor</i> As partes do discurso sob a forma de perguntas/respostas
L2. Sobre as regras gerais dos nomes e dos verbos (morfologia)	L2. Categorias de Palavras	L2. Elementos de fonética e de estilística	<i>Ars minor</i> L 1. Fonética, métrica, acentuação, pontuação
L3. Sobre os metros	L3. Observações suplementares sobre o verbo	L 3. Esquema de poética e de métrica	<i>Ars minor</i> L 2. As partes do discurso
	L4. Defeito e qualidade do enunciado		<i>Ars minor</i> L 3. Defeitos e qualidades do enunciado
	L5. Torneios idiomáticos		

Fonte: Adaptado por Universidade La Salle de Colombat, Furnier e Puech (2017, p. 112).

Um século após Donato, Prisciano (500 d.C) elaborou *Institutiones Grammaticae*, que carrega o título de primeira obra gramatical ocidental completa, ou seja, composta por conceitos de fonética, morfologia e sintaxe.

Nessa época, da constituição da cultura linguística no Império, é interessante também perceber o papel do *grammaticus* na educação romana. Antes da adolescência, as crianças aprendiam a ler e a escrever e, em seguida, o professor de gramática (*grammaticus*) trabalhava a estrutura linguística das obras de renomados autores, como Cícero e Virgílio, com grande destaque para a capacidade de oratória durante a análise e a leitura oral (recitação) das obras.



#### DESTAQUE

Você conseguiu perceber como, até esse momento, os estudos de conceitos linguísticos se voltaram quase que unicamente para a prescrição de um “uso correto” da língua?

Você percebe, ainda em nossos dias, a cultura do “certo” e “errado” no uso da língua como mecanismo de demonstração de poder na sociedade?

Já no período medieval, as principais obras gramaticais tiveram como base sobretudo os escritos de Donato e Prisciano, e foram adaptando-as às regiões a que se referiam. Dessa época, destacam-se Alexandre de Villedieu, com sua obra “*Doctrinale*”, e Evrard de Béthune, com “*Grecisme*”.

Como exemplo das chamadas gramáticas vernáculas, ou seja, as gramáticas escritas para cada idioma da Europa medieval, podemos mencionar uma das primeiras obras dedicadas à língua francesa, escrita em latim: “*Institutio Linguae Gallicae*”, de Jean Pilot. Já a primeira gramática escrita em língua francesa foi a de Lancelot, “*Nouvelle Méthode Latine*”.

É interessante perceber que a cultura de “transferência” das regras e da estrutura latina para as línguas vernáculas, por parte dos gramáticos de cada região, demonstrou a necessidade de adaptações (inserções e exclusões). Porém, com relação às exclusões, foi necessário um longo tempo, durante o período medieval, para se distanciar de algumas características puramente latinas. Por exemplo, como mencionam Colombat, Furnier e Puech (2017, p. 140), foram necessários alguns séculos para que os gramáticos franceses se libertassem da ideia de que existiam **declinações** na língua francesa e produzissem manuais de gramática apenas com as características próprias desse idioma.



## GLOSSÁRIO

**Declinação** é, em certas línguas, a flexão dos substantivos (e, às vezes, de adjetivos, pronomes, artigos e numerais) para indicar sua função sintática na oração (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.). Também se refere a cada uma das classes de palavras que são declinadas da mesma maneira ou ao paradigma ou modelo flexional seguido pelas palavras declináveis desse grupo.

Fonte: Dicionário Michaelis Online.



## VÍDEO

Veja aqui como ocorrem as declinações na língua latina.  
<http://gg.gg/j46pd>.

PLAY 



## 1.4 Os Estudos Renascentistas e a Gramática Port-Royal

Por volta do século XIV, o mundo percebia um crescimento do comércio e da expansão marítima. Essa ampliação do contato entre as regiões, por meio das viagens, provocava trocas culturais e avanço na forma de pensamento. Nesse contexto, surgiu o movimento renascentista, cuja ideia central era o retorno às raízes clássicas greco-romanas.

Nessa época, com o maior contato cultural, aumentaram também os estudos sobre diferentes línguas na Europa. Entre elas, o grego e o hebraico, por conta de seu uso em tradições religiosas, juntamente com o latim, já que todos foram idiomas utilizados na escrita e nas traduções dos textos bíblicos.

Esse estudo, baseado na descrição das línguas por meio de suas gramáticas e dicionários e, em seguida, na comparação entre estruturas de famílias de línguas, que estava tendo início nessa época, deu origem ao movimento comparatista de séculos posteriores.

É importante destacar que grande parte das línguas descritas, desse momento em diante, tiveram esse processo iniciado a partir justamente da abertura entre as diferentes regiões da Europa e do Oriente durante o Renascimento, além do impulso gerado pelas grandes descobertas, pelo nascimento dos estados-nação e pela invenção da imprensa, como bem destacam Colombat, Furnier e Puech (2017, p. 162). O retorno às raízes greco-romanas contribuiu, portanto, com esse processo, nesse período, por conta dos estudos linguísticos estruturais e gramaticais avançados que essas duas culturas possuíam, desenvolvidos durante mais de dez séculos de tradição.

O estudo de diferentes línguas, bem como seu ensino, nessa época, por parte dos gramáticos, teve também interesses religiosos, para facilitar a evangelização de novos povos, além, é claro, de intenções comerciais.

É interessante pensar, como propõem Colombat, Furnier e Puech (2017, p.163), que o fato de o latim se tornar a língua morta que hoje conhecemos teve início justamente por esse movimento de retorno às suas origens. Entende-se que o idioma, que havia se tornado **língua franca** durante o período medieval, estava, mil anos depois, muito distante, diferente de seus textos clássicos. O retorno à língua em sua versão clássica, bem como a veneração a ela podem, como dizem os autores, ter contribuído para uma



“mumificação” do idioma, enquanto “novos” idiomas, em regiões colonizadas (incluindo o tupi dos índios do Brasil, por exemplo), bem como em toda a Europa, nas línguas derivadas por séculos de mesclas culturais, estavam em pleno desenvolvimento e evolução e eram gramaticalmente descritos e normatizados seguindo a base dos estudos latinos. Inclusive num avanço em velocidade muito maior que antes, dado o início da comercialização de livros, a partir da invenção da imprensa no século XV.



## GLOSSÁRIO

**Língua Franca** é o idioma utilizado para comunicação entre grupos de pessoas que falam línguas diferentes (como o inglês, hoje em dia).

Fonte: Cambridge Dictionary.

Nessa época, ao mesmo tempo em que se amplia o estudo de línguas específicas, também se reforça um pensamento de “generalização”, até pela necessidade de mais agilidade no ensino de línguas. Ganham força então projetos com o objetivo de encontrar universais linguísticos, ou elementos comuns que possam auxiliar no estudo dos diferentes idiomas.

Nesse contexto, foi publicada, por autoria de dois monges do monastério francês de *Port-Royal-des-Champs*, a “*Grammaire Générale et Raisonnée*”, ou seja, a “Gramática Geral e Razoada”, que ficaria conhecida como a famosa “Gramática de Port Royal”.

Seus autores propuseram um estudo filosófico da linguagem, com base cartesiana, que teve como cerne a “proposição”, ou seja, a construção linguística que forma o pensamento a partir da realidade. Para explicar melhor, mencionamos o comentário de Colombat, Furnier e Puech (2017, p.175):

Se a proposição é o objeto linguístico de algum modo de primeiro plano, é que ela representa a operação do espírito mais essencialmente implicada na atividade de linguagem. Para os autores da *Grammaire générale et raisonnée* (GGR), essas operações são três: conceber, julgar e raciocinar. Conceber é somente “um simples olhar de nosso espírito sobre as coisas, concretas ou abstratas”. Julgar é um ato bem diferente “é afirmar que uma coisa que nós concebemos é tal ou não é tal”. É, então, uma operação que segue à precedente, que remete à natureza mesma da linguagem, “porque os homens não falam muito para exprimir o que concebem; mas é quase sempre para exprimir os julgamentos que fazem das coisas que eles concebem”. Enfim, raciocinar é se servir de dois julgamentos para deles fazer [sic] um terceiro. Não é, então, no fundo, uma extensão da operação precedente. Vemos, então, que é preciso distinguir, para os autores da GGR, duas ordens de fenômenos: as operações do espírito, de um lado, e sua representação pela linguagem, de outro. A representação linguística do julgamento é a proposição.

Para os autores da Gramática, não é o “bom uso” da língua o mais importante (como fazia crer a tradição gramatical constituída até então), mas o seu entendimento a partir de um ponto de vista filosófico da relação entre pensamento e linguagem, com enfoque mais semântico (voltado para o significado).



#### SAIBA MAIS

Para entender melhor a estrutura da “Gramática de Port Royal”, leia este artigo: <http://gg.gg/iw926>.

## 1.5 Os estudos da linguagem e da filologia do século XIX

Com a forma como transcorreram os estudos linguísticos nos séculos anteriores, a partir da análise das diversas línguas europeias e coloniais e o desenvolvimento das gramáticas comparadas, estabeleceu-se um parentesco entre as línguas, com a identificação de correspondências entre elas.



### DESTAQUE

Por mais que tenhamos utilizado termos como “conceitos linguísticos” ou “estudos linguísticos” durante a explanação histórica da passagem dos séculos, a denominação “lingüística” só aparece no século XIX, tendo como alvo o trabalho do “lingüista”, ou seja, aquele que se especializou em conhecer a gramática e a história das diversas línguas — ressalte-se, inclusive, que, nessa época, não havia distinção entre os conceitos de “gramática” e “lingüística”.

Colombat, Furnier e Puech (2017, p. 199) mencionam os três tópicos linguísticos desenvolvidos predominantemente no século XIX:

- a gramatização progressiva de um número crescente de vernáculos (europeus e exóticos) por meio do latim que se tornou metalíngua “geral” da descrição das línguas (a “gramática latina estendida”) e a partir de categorias metalingüísticas unificadas;
- o agrupamento progressivo de um número crescente das descrições nas obras enciclopédicas (as enciclopédias das línguas), que tornam comensuráveis entre elas, e visíveis por todos, as diferenças e semelhanças;
- a pesquisa de uma representação geral das relações entre as línguas, que dá conta de suas afinidades e conexões.

Cabe mencionar então alguns nomes e fatos importantes para os estudos linguísticos do século XIX, a saber:

- a. a “redescoberta” do Sânscrito (lembra-se de Panini?) e sua importância para a comparação entre línguas, muito por conta da obra de William Jones;
- b. o enfoque à gramática comparada histórica, com grande importância na obra de Wilhelm Humboldt;

- c. o aprofundamento da comparatividade entre línguas no nível fonético, encontrado em Jacob Grimm (lembram-se dos Irmãos Grimm?);
- d. a instituição de bases sólidas para a comparação entre gramáticas e o enfoque morfológico, por meio da obra de Franz Bopp.
- e. o estudo da protolíngua “indoeuropeu” como fonte da busca pela língua universal.

Como se pode perceber e como já mencionamos, a comparatividade entre a gramática das línguas é o cerne dos estudos do século XIX. Entretanto, não podemos esquecer que este foi o período em que se construíram as bases para todos os avanços da Linguística (como a conhecemos hoje), ocorridos no século XX. Desse modo, Colombat, Furnier e Puech (2017, p. 206) fazem uma relação de outras áreas afins dos estudos da linguagem que se desenvolveram nessa época. Dizem eles que:

essa hegemonia da gramática histórica e comparada não deve mascarar a aparição ou a continuação de problemáticas que não entram exatamente nesse quadro. Para além dos limites do século XVII, existe uma “gramática geral tardia” (D. J. Bourquin, 2005, que estuda sua história até o século X). De outra parte, as novas formas de interdisciplinaridade aparecem com o nascimento de uma fonética experimental (Helmoltz, Wundt, Sweet, Scripture, o abade Rousselot...) com a qual colaboram médicos, técnicos em acústica, físicos, com as pesquisas sobre a aquisição da linguagem (Taine), com a importância crescente das pesquisas sobre as patologias da linguagem ou sobre o substrato “fisiológico” da atividade da linguagem (escola de Broca, cf. Bergounioux, 1994), sem falar das mutações profundas da lógica (Boole) (...).

Um grupo que merece destaque são os chamados “neogramáticos”, cujo movimento é identificado na segunda metade do século. Eles se interessavam pelo estudo histórico da evolução da língua a partir de dados científicos (influenciados pelo movimento positivista) de base fonética, considerando que as mudanças ocorridas entre um ponto anterior e um posterior na linha do tempo de um idioma se davam de forma regular, ou seja, sob regras linguísticas claras (por exemplo: o mesmo fonema se modificaria historicamente em todas as ocorrências da língua).

Porém, um grande avanço dos estudos dos neogramáticos se deu por conta da compreensão de que as mudanças, embora regulares, poderiam ocorrer de forma aparentemente diferente dependendo do contexto social, por influência de um dialeto ou mesmo de outro idioma ou ainda por generalização, ou seja, uma mudança que ocorre por padronização de uma palavra que antes era exceção a alguma regra linguística da própria

língua (aqui, mencionamos um aprendizado a partir da compreensão dos neogramáticos: os aspectos irregulares de um idioma tendem a se regularizarem na medida em que ele evolui e passa de geração em geração).

Nessa compreensão, reconheceu-se o fato de que a transformação das línguas não se dá apenas pelo fator tempo histórico, mas também por outros elementos externos, como aspectos sociais e geográficos. Desse modo, é possível que duas línguas colocadas em comparação histórica, em um momento, sejam mais parecidas e, em outro, sejam diferentes. É nesse contexto que surge, por exemplo, a **dialetologia**.

Embora tenhamos mencionado brevemente na citação anterior, cremos que cabe um destaque ao aspecto fisiológico dos estudos sobre a linguagem desenvolvidos no século XIX. Por meio da análise de cérebros de cadáveres de indivíduos que haviam manifestado alguma **afasia** em vida, pesquisadores identificaram as regiões cerebrais responsáveis por seu processamento. Desse modo, serão muito importantes para o desenvolvimento dos estudos neurocientíficos do século XX, as descobertas do cientista francês Paul Broca e do neurologista alemão Karl Wernicke.



## GLOSSÁRIO

**Afasia** é perda do poder de expressão pela fala, pela escrita, pela linguagem gestual, ou da capacidade de compreensão da linguagem (escrita ou oralidade).

Fonte: Dicionário Michaelis Online

**Dialetologia** é o conjunto de conhecimentos linguísticos referentes a dialetos.

Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

A partir do estudo das regiões afásicas, esses pesquisadores descobriram, cada um a seu turno, as áreas cerebrais responsáveis pela expressão da linguagem (denominada “Área de Broca”) e pela compreensão, processamento semântico, reconhecimento e interpretação da linguagem (denominada “Área de Wernicke”).



## SAIBA MAIS

Veja neste site mais informações sobre as áreas cerebrais de Broca e Wernicke.

<http://gg.gg/iw96h>. Acesso em abril de 2020.

## 1.6 As Mudanças Fonético-fonológicas, Morfológicas, Sintáticas, Semânticas, Pragmáticas e Lexicais que Transcorreram ao Longo desses Séculos

Durante todos esses séculos de história dos estudos linguísticos, embora os registros da maior parte do tempo demonstrem estudos com viés normativo, ou seja, prescrevendo o “bom uso” da língua em detrimento de usos considerados menos nobres ou cultos (quando fora das regras gramaticais), é interessante percebermos que a maior parte das línguas continuaram em evolução, em avanço e em modificação. Algumas inclusive se modificaram tanto que deram origem a outras línguas.

Como vimos, esse processo de comparação entre línguas, até o século XIX, foi estudado e registrado por ramos de estudiosos sob o ponto de vista histórico, até para se encontrarem, como era o desejo de alguns, as raízes da língua universal, aquela que, possivelmente, tivesse dado origem às demais. Ou mesmo, a características que fossem comuns a todas as línguas. Como dissemos, esse tipo de estudo é denominado **estudo diacrônico**, ou seja, que não leva em conta um período específico da existência da língua, mas uma comparação entre, no mínimo, dois de seus períodos, para uma conclusão baseada em aspectos evolutivos durante sua história.

De posse desses conhecimentos, o que nos cabe, como estudantes do fenômeno da linguagem, é entender suas particularidades e tentar traçar um raciocínio semelhante ao que ocorreu ao longo do surgimento dos conceitos linguísticos na história. Se pensarmos nos raciocínios assumidos desde o princípio, com Panini ou mesmo com os filósofos pré-socráticos, veremos que eles perceberam a língua como um conjunto de “partes menores” por meio das quais se pode estudar a construção linguística como um todo.

As “partes” da língua — e aqui estamos falando sobre fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática —, as quais hoje podemos observar bem definidas nos vários manuais de gramática e de linguística modernos a que temos acesso, nem sempre foram conhecidas e estudadas com a precisão ou delineamento de objeto de estudos que parecem atualmente ter.

Se relembarmos a noção de som e as (in)diferenças entre o conceito de letra e fonema, elaborados inicialmente pelos gregos, por exemplo, veremos que avançamos para uma diferenciação bastante definida desses dois conceitos do plano fônico da

língua. Desse modo, dedicamos as próximas reflexões a tentar rememorar algumas das alterações conceituais que pudemos perceber em nossos estudos durante a história. Não é nossa intenção identificar o período em que houve a transição do(s) conceito(s) para a sua forma atual, mas apenas chamar a atenção para a abertura que devemos ter, enquanto estudantes do fenômeno linguístico, para o fato de que tanto a língua como a sua teorização foram e são vivas e, portanto, passíveis de mudança. Vejamos, por “partes”, alguns conceitos que temos hoje e cujas origens pudemos, com mais ou menos clareza, identificar nos tópicos anteriores.

a. plano fônico: hoje, diferentemente dos estudos iniciais nessa área, registramo

- I. o avanço nas descrições dos órgãos de reprodução da fala (aparelho fonador) e o registro dos pontos e modos de articulação de cada fonema;
- II. as características dos sons que cada indivíduo produz ao falar sua própria língua (o que denominamos “fones” e estudamos no âmbito da “fonética”);
- III. o caráter distintivo dos sons, que não existem na realidade mas que são representações dos sons reais da língua em nossa mente (o que denominamos “fonemas” e estudamos no âmbito da “fonologia”);
- IV. a diferença entre fonemas e grafemas, ou seja, entre o aspecto sonoro e o seu registro gráfico em uma língua;
- V. as diferenças entre os fonemas consonantais (produzidos com interferência dos órgãos da fala) e os vocálicos (produzidos sem interferência dos órgãos da fala), incluindo a necessidade do registro gráfico das vogais na escrita (dependendo do idioma);
- VI. o estudo histórico da evolução das línguas e das palavras e as razões para as alterações grafofônicas sofridas com o passar do tempo (como, em português, “custume” (registrado na versão original do poema “Os Lusíadas”, de Camões), que hoje tem sua fala e sua escrita modificadas para “costume”);
- VII. a evidência de agrupamento de fonemas em forma de sílabas (geralmente e necessariamente em torno de algum fonema vocálico) em grande parte das línguas;
- VIII. a evidência e estudo da sonorização das palavras (o que denominamos aliterações e rimas) e seu uso linguístico nas artes; etc.

b. planos morfológico e sintático (morfossintático): hoje, percebemos a diferenciação entre as palavras e sentenças e também entre as partes da sentença, o que não foi inicialmente verificado, bem como registramos:

- I. um conceito bastante definido (mas não definitivo) de “palavra”;
- II. a identificação de partes menores que a palavra como unidades

significativas (as quais denominamos “morfemas”) e que formam novas palavras;

- III. o avanço no estudo dos processos de formação de palavras, considerando fenômenos intralinguísticos e interlinguísticos;
  - IV. o estudo das características das palavras e suas dez classificações “independentes”, a saber: substantivo, artigo, adjetivo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção, interjeição;
  - V. as diferentes possibilidades de relações entre palavras para a formação das partes da sentença (o que podemos denominar como “sintagmas”);
  - VI. o avanço na identificação dos tipos de sintagmas e a inserção do aspecto funcional às partes nas análises estruturais das sentenças;
  - VII. as regras e características sintáticas das relações entre palavras e entre sintagmas (ordem, regência, concordância, relações com significado, etc.) em cada língua;
  - VIII. a compreensão de sintaxe como área de estudos puramente estrutural que não recebe interferência do significado; etc.
- c. planos semântico e pragmático: hoje, verificamos a ampliação dos estudos do significado e a compreensão da língua como código que representa o mundo real e seus objetos e seres, bem como registramos:
- I. a compreensão de língua constituída de signos (palavras) com significado associado arbitrariamente (ou seja, por convenção social) e não naturalmente;
  - II. o avanço das áreas que estudam a constituição do significado e sua associação com os objetos/seres;
  - III. o avanço dos estudos sobre contexto, intenções, implicaturas, inferências, conhecimento de mundo (...) e sua conseqüente influência na construção do significado e do discurso;
  - IV. a constituição interdisciplinar de teorias e metodologias de análise de processos de compreensão, de interpretação e de interferência de características linguísticas, sociais e biopsicológicas na construção do significado;
  - V. a evidência e estudo das características do significado e seu uso nas diversas esferas da sociedade (artes, publicidade, política, etc.);



## SÍNTESE DA UNIDADE

Nesta unidade, pudemos viajar historicamente por uma série de períodos da história mundial em busca de uma visão global de conceitos e estudos da linguagem sobre os quais haja registros ao longo da história. Encontramos e estudamos brevemente registros de estudos sobre:

- a. o Sânscrito, na Índia antiga, com conceitos sobre o “bom uso” da língua em textos sagrados da cultura e da religião hindus;
- b. o Grego, na Grécia antiga, com normas sobre o “bom uso” da língua nas primeiras gramáticas ocidentais e com conceitos iniciais de descrição da estrutura morfológica e sintática do idioma;
- c. o Latim, na Roma antiga e nos reinos medievais, com normas sobre o “bom uso” da língua para distinguir o latim clássico das línguas bárbaras por meio da releitura latina da gramática grega;
- d. as línguas vernáculas, ou seja, os idiomas oficiais das nações que nasceram após o fim da Idade Média, com suas gramáticas derivadas do Grego e do Latim;
- e. a busca por uma língua única, geral, originária de todas as demais por meio da gramática comparada e histórica entre as línguas ocidentais e orientais;
- f. o início dos estudos fônicos, morfossintáticos e semântico-pragmáticos, bem como de áreas interdisciplinares, que prepararam a base conceitual e histórica, até o século XIX, para o surgimento da Linguística como ciência propriamente dita no século XX.

## REFERÊNCIAS

BAIÃO, J.G.P. **De Panini a Labov: um breve passeio pela história dos estudos linguísticos.** Brasília: Biblioteca Digital da Justiça do Trabalho, 2013. Disponível: <http://gg.gg/iw9c4>. Acesso: 28 abr. 2020.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral. v.2.** Campinas: Pontes: 1989.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, M.; PUECH, P. **Uma história das ideias linguísticas.** Tradução Jacqueline Léon, Marli Quadros Leite. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PLATÃO. **Crátilo: ou sobre a correção dos nomes.** São Paulo: Editora Paulus, 2014.

PLATÃO. **Diálogos I: Teeteto, Sofista, Protágoras.** São Paulo: Edipro, 2007

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



### CONTRIBUA COM A QUALIDADE DO SEU CURSO

Se você encontrar algum problema nesse material, entre em contato pelo email [eadproducao@unilasalle.edu.br](mailto:eadproducao@unilasalle.edu.br). Descreva o que você encontrou e indique a página.

**Lembre-se:** a boa educação se faz com a contribuição de todos!



Av. Victor Barreto, 2288  
Canoas - RS  
CEP: 92010-000 | 0800 541 8500  
[eadproducao@unilasalle.edu.br](mailto:eadproducao@unilasalle.edu.br)